

A PRESENÇA NEGRA NO MARGS E AS PRESENCAS NEGRAS NA UFPEL: UM ENCONTRO NO PROEDAI

MAIK CONCEIÇÃO DIAS¹; JULIA LOPES RODRIGUES²;
RITA DE CÁSSIA TAVARES MEDEIROS³; ADRIANA DE SOUZA GOMES DIAS⁴;
GILSON SIMÕES PORCIÚNCULA⁵.

¹Universidade Federal de Pelotas – maikdias02@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – julia.lopesrodrigues@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – redefreinet@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – adrianasecretariado@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – gilson.porciuncula@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou. Beatriz Nascimento

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a atividade de extensão desenvolvida pelo Projeto Exatas Diversidades Afro Indígenas (ProEDAI) em visita à exposição Presença Negra no Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS). O ProEDAI tem como objetivo integrar estudantes cotistas à UFPel, no sentido de acolher e expandir a experiência de negros, indígenas e quilombolas no ambiente universitário. A “Presença Negra no MARGS” é uma grande exposição coletiva que traz ao público o debate e a reflexão sobre a presença e representatividade negra no campo das artes visuais, a partir de uma perspectiva desde o Sul do Brasil. Por que a visita à exposição “Presença Negra no MARGS” se conecta com o ProEDAI? Em que medida a permanência de estudantes cotistas se encontra com as obras pretas no museu? Como a inserção artístico cultural preta se relaciona com as lutas cotidianas das ações afirmativas? Essas são perguntas que alçamos responder neste trabalho, não como respostas definitivas, mas como alianças para fortalecer a experiência universitária preta em meio a branquitude que nos vigia, nos tolhe e nos coloca barreiras de entendimento desta travessia. A branquitude é a estrutura que define e organiza a sociedade em que vivemos. A assertividade que afirma ser branca e clara a maneira mais correta de ser e estar no mundo e, ainda, a única maneira aceitável de existir, nos coloca, hierarquicamente, em posição inferior, justificando, sequestros, escravizações, vendas e compras de seres humanos considerados não-humanos, abjetos e “sem alma”, portanto vulnerabilizados (CARONE e SILVA BENTO, 2014). Ao afirmar a igualdade entre as pessoas, insistem em desconhecer a desigualdade social e econômica baseada no racismo. A retirada dos povos de diferentes lugares da África para enriquecer reinos, estados e nações européias, através da escravização, tornou a experiência afrodiaspórica um universo de muitas faces, que, de maneira híbrida, se apresenta em muitas partes do mundo. Estamos, portanto, naquilo que Beatriz Nascimento (1989) nomeou como “atlântica”, pertencemos à travessia aonde fomos forjados e tivemos nossas identidades hibridizadas e transformadas. (HALL, 2006).

2. METODOLOGIA

Esta atividade é uma ação do projeto unificado com ênfase em ensino da UFPel, ProEDAI. O planejamento da visita ao MARGS foi realizado por meio de reunião *on-line* com a equipe de colaboradores do ProEDAI, onde foram discutidas as formas de divulgação, os custos para estudantes, inscrições, número de

participantes de acordo com os lugares limitados no ônibus e organização do trajeto a ser realizado em Porto Alegre. As inscrições foram realizadas por meio da ferramenta do *google*, o *google forms*, na qual foram solicitadas informações dos interessados e a expectativa dos mesmos sobre o evento a ser realizado. Com quarenta e seis inscrições, incluindo estudantes de variados cursos, servidores da UFPel e artistas, em razão de haver mais inscritos do que as vagas, houve a criação de um grupo do *whatsapp* a fim de realizar a confirmação, a lista foi fechada em quarenta vagas. A Figura 1 mostra o registro da presença do ProEDAI no MARGS.

Figura 1- Presença do ProEDAI, estudantes, servidores e artistas no MARGS



No início da visita o grupo foi dividido em dois grupos, para melhor percorrer os ambientes. A exposição contou com diversas obras de autores negros(<https://www.margs.rs.gov.br/midia/presenca-negra-no-margs/>) que trazem uma grande relevância para quem estava presente, ao se perceberem representadas. Além do MARGS o roteiro da evento contaria com visita ao Museu do Percurso do Negro, o qual demonstra, ao ar livre, o caminho que antepassados percorreram na memória na cidade de Porto Alegre-RS. Devido ao clima de chuva, no horário previsto, foi impossível realizar esse ato, em contrapartida, fomos na exposição na Casa de Cultura Mario Quintana. Nesse local, o Mestre em História pela UFRGS e também vereador da cidade, o Sr. Matheus Gomes, se juntou ao grupo e abriu uma roda de conversa no espaço, relatando histórias do povo negro. A Figura 2 mostra o registro das atividades da ação.

Figura 2- Registro da atividade (a) Início da visita no MARGS (a) Roda de conversa na Casa de Cultura Mário Quintana



(a)



(b)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A arte sempre foi considerada um atributo da branquitude. Museus e Casas de Cultura são meios de exaltar e propagar a colonialidade, um estado de ser mais do que colonizado e que não desaparece com o colonizador, mas que se incorpora na nossa existência. Assim, quando partimos em busca da exposição, buscamos a nós mesmos e a tudo que a arte ainda pode nos proporcionar. Uma sinalização de que a branquitude nos coloca numa caixinha à parte é dizer “arte” e “arte negra”, os brancos e brancas produzem arte, artistas negros produzem arte negra. A afirmação identitária se torna, assim, uma arma contra nós mesmos frente à racialidade branca. (REIS,2020). Para nós a identidade é fruto de uma luta dos movimentos sociais negros do final dos anos 70, e nos é muito cara, como afirma Beatriz Nascimento (RATTS,2007,23), mas é importante sabermos como utilizá-la, como nos dizia Oliveira-Silveira (1970) e sabermos também nomear as nossas coisas e as nossas causas e não sermos apanhados em armadilhas da hipocrisia racial. Nesse sentido a expressão utilizada para denominar a exposição como “Presença Negra no MARGS”, atravessa e modifica o sentido e demonstra que o silenciamento e a ausência dos olhares negros imaginantes sobre o mundo precisam irromper aquele espaço e abrir caminhos, tal qual o orixá Bará que abre os caminhos na obra de Zé Darcy (Figura 3a) inaugurando a alegria, a cor e a audácia de exu. Essas trajetórias nos apontam também os caminhos tomados pelo ProEDAI em seu ensejo de irromper barreiras da branquitude na universidade não apenas questioná-la, mas ultrapassá-la em seus restritos espaços administrativos pedagógicos fustigados pelos modelos da branquitude. Por outro lado, a obra de Judith Bacci denominada “Ama de Leite”, (Figura 3b), se apresenta com a ausência do filho e o leite sendo dado à criança branca-detentora do privilégio da amamentação, do cuidado e do zelo. Fazemos uma reflexão de como os privilégios brancos são normalizados a ponto de muitas vezes não reconhecermos nossos direitos às cotas e pensarmos que trata-se de um favor oferecido pelas pessoas de bem da sociedade branca.

Figura 3 - Obras de arte Presença Negra (a) orixá Bará (Zé Darcy) (b) Ama de Leite (Judith Bacci)



(a)



(b)

CONCLUSÕES

São muitas portas que se abrem quando uma viagem com estudantes cotistas das ações afirmativas, voltados para o quesito racial se encontram. Também se deparar com artistas negros, suas trajetórias e suas marcas deixadas no Rio Grande do Sul, no Brasil e até internacionalmente fortalecem nossa existência e se apresentam como possibilidades pedagógicas universitárias e lutas políticas em prol das ações afirmativas, é esta uma das razões da existência do ProEDAI. A sensibilidade proporcionada pela via da estética é uma potente forma de lutar, além da sociabilidade da viagem, em tempos árduos de pandemia, trazer acolhimento a estudantes que ainda permaneciam no calendário remoto. Beatriz Nascimento (PINN,2019) e (NASCIMENTO e GERBER,1989) reitera o aquilombamento como prática social negra que produz novas possibilidades e se refaz em experiências negras urbanas. Somos assim no ProEDAI: travessia, existência negra e representatividade intelectual negra na UFPel, geramos encontros, aprendemos e nos fazemos existir.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹

CARONE, Iray e SILVA BENTO, Maria Aparecida. (orgs). **Psicologia Social do Racismo**. Rio de Janeiro, Vozes, 2014

HALL, Stuart **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 11 ed. 2006.

OLIVEIRA SILVEIRA. **Banzo, saudade negra, poemas**. Porto Alegre, edição do autor, 1970.

Ôrí. Direção de Beatriz Nascimento e Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aUWlgzqKD7E> Acesso: 21 ago 2022.

PINN, Maria Lídia de Godoy. Beatriz Nascimento e a invisibilidade negra na historiografia brasileira: mecanismos de anulação e silenciamentos das práticas acadêmica intelectual. In: **Aedos**, v. 11, n. 25, p. 140-156, dez. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/96888> Acesso: 20 ago. 2022.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Instituto Kuanza, 2007.

REIS, Rodrigo Ferreira dos. Ôrí e memória: o pensamento de Beatriz Nascimento. **Sankofa: Revista de História da África e dos Estudos da Diáspora**, ano XIII, n. XXIII, p. 9-24, abril/2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/169143/160374>. Acesso: 19 ago.. 2022.

¹ Um movimento político intelectual negro no Brasil propõe que os nomes de intelectuais afrodiáspóricos sejam revelados e escritos de forma completa, transgredindo a branquitude das regras da abnt que nos invisibilizam .